

O CONTEXTO URBANO NA CRÔNICA MACHADIANA DOS PERÍODOS DA ABOLIÇÃO E DA PROCLAMAÇÃO DA MACHADIANA REPÚBLICA

THE URBAN CONTEXT IN MACHADO'S SHORT STORIES DURING THE ABOLITION AND PROCLAMATION OF THE REPUBLIC PERIODS

Paulo Cezar Basilio*

RESUMO: O trabalho desenvolve-se a partir do estudo das crônicas de Machado de Assis que foram publicadas na série “Bons Dias”, entre 1888 e 1889. Parte-se do ponto de vista do leitor e da percepção do país que se construía, no contexto urbano, moldado pelos eventos da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. No texto publicado semanalmente no jornal, busca-se verificar como o cronista se posicionou, mesmo subliminarmente; os impactos percebidos na realidade imediata; as perspectivas de futuro; o inconformismo com as limitações da época, encortinado pela ironia e pela sutileza que aflora do mínimo do cotidiano. As pistas deixadas pela linguagem questionam seu tempo e indica os caminhos possíveis num diálogo permanente com a posteridade. Para a concretização da pesquisa, as crônicas serão submetidas a análises transdisciplinares e confluentes de vários campos do saber, entre eles, a análise literária, a história, o jornalismo e a sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, Crônica, Eventos Históricos.

ABSTRACT: This paper is based on the study of Machado de Assis short stories published in “Bons Dias” series between 1888 and 1889. It starts from the reader’s point of view and the country’s perception at that time and in the urban context shaped by the Abolition of Slavery and the Proclamation of the Republic. In the text published weekly in the newspaper, we try to see position adopted by the writer, even subliminally; the perceived impacts on the immediate reality; future prospects; the dissatisfaction with the limitations of the period, expressed through irony and subtlety lived in everyday life. The traces left by language question its time and indicate the possible paths in a permanent dialogue with posterity. In order to carry out this research, the short stories will be analyzed according to transdisciplinary and convergent fields of knowledge such as literary analysis, history, journalism and sociology.

KEYWORDS: Machado de Assis, Short story, Historical Events.

* Mestrando em Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO. E-mail: pcbasilio20@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho se desenvolve a partir do estudo das crônicas de Machado de Assis que foram publicadas na série “Bons Dias”, entre 1888 e 1889. O eixo central gira em torno do ponto de vista do leitor e da maneira como foi percebido o país que se construía, moldado pelos eventos da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. No texto publicado semanalmente no jornal, busca-se verificar como o cronista se posicionou, mesmo subliminarmente, os impactos percebidos na realidade imediata, as perspectivas de futuro, o inconformismo com as limitações da época, encortinado pela ironia e pela sutileza que aflora do mínimo do cotidiano. As pistas deixadas pela linguagem e pelo estilo são fundamentais para se traçar as medidas de alcance de uma narrativa que escava o passado, questiona seu tempo e indica os caminhos possíveis num diálogo permanente com a posteridade. Para a concretização da pesquisa, as crônicas que tratam dos dois eventos históricos serão submetidas a análises transdisciplinares e confluentes de vários campos do saber, entre eles, a análise literária, a história, o jornalismo e a sociologia. Na análise, a fundamentação teórica terá por base as teses defendidas por Hans Robert Jauss, na *Estética da Recepção de Texto*, em especial, no que concerne ao Horizonte de Expectativa, à Distância Estética, à Sincronia e à Diacronia no processo de recepção do texto literário.

REFLEXOS DO BRASIL NA CRÔNICA MACHADIANA

A análise das crônicas de Machado de Assis amparada nos postulados da *Estética da Recepção de Texto*, que foram preconizados por Hans Robert Jauss (1994), possibilita a reconstrução dos elementos extrínsecos às publicações e que se tornam fundamentais para que o olhar da contemporaneidade, no complexo mundo da pós-modernidade, alcance as minúcias daquele momento histórico, registrado sob o enfoque da magistral inspiração literária de seu autor.

Entre as contribuições de Jauss, neste trabalho, ainda que indiretamente, busca-se o auxílio das diretrizes apresentadas em suas principais teses, entre elas, as linhas que delimitam o Horizonte de Expectativa, à Distância Estética, à Sincronia e à Diacronia. Por meio dessas premissas teóricas, é possível reconstituir a historicidade que envolve o contexto de produção das crônicas, a delimitação sobre as perspectivas do público leitor da época, elemento de interação muito presente nas crônicas machadianas. A partir disso, na relação dialógica dos dois elementos fundamentais e seus interpretativos do método recepcional, ou pelo menos de parte deles, verifica-se que as crônicas dizem muito mais do que a sua superfície textual pode supor, fazendo-se, não raras vezes, bastante atuais, seja pela temática que abordam, seja pelo modo singular com que o autor flagrou os comportamentos e os valores da época que continuam sendo reproduzidos ainda hoje, em plena era dos incontáveis avanços tecnológicos.

Nesse sentido, o estudo das crônicas de Machado de Assis, especialmente as que foram publicadas entre 1888 e 1889 leva ao encontro do país que emerge de seus textos, moldado pelos eventos da Proclamação da República e pela Abolição da Escravatura. De imediato, esse contato revela a análise do comportamento humano, dos valores e costumes estabelecidos naquele período. No texto publicado semanalmente no jornal, verifica-se que o cronista se posicionou, mesmo subliminarmente, com relatos sobre os impactos percebidos na realidade imediata, as perspectivas de futuro, o inconformismo com as limitações da época, encortinado pela ironia e pela sutileza que aflora do mínimo do cotidiano.

Para a concretização do objetivo a que se propõe, o leitor atual deve partir da reconstrução do “Horizonte de Expectativa” por meio do qual perfilou-se o cronista para retratar o quadro social, histórico e político em suas narrativas jornalístico-literárias. Para tanto, as pistas deixadas pela linguagem e pelo estilo são fundamentais para se traçar as medidas de alcance de sua escrita que escava o passado, questiona seu tempo e indica os caminhos possíveis num diálogo permanente com a posteridade. Isso é possível, quando se submete as crônicas ao estudo transdisciplinar e confluyente de vários campos do saber, entre eles, a análise literária, a história, o jornalismo e a sociologia.

Por esse prisma analítico, pode-se verificar a imagem do Brasil que se abstrai da crônica de Machado de Assis, num período histórico de transição entre o governo monárquico e o republicano, em meio ao

processo de libertação dos escravos. Para tal fim, são pertinentes a leitura atenta das crônicas publicadas na série Bons Dias, entre outras que apresentam contribuições sobre o tema em destaque.

A princípio, a definição desse recorte de apenas dois anos de publicações, para um autor que escreveu para os jornais por mais de quatro décadas, pode parecer insuficiente para se alcançar os propósitos do trabalho, posto que os episódios relatados e comentados fazem parte de um contexto historiográfico e literário muito mais amplo.

No entanto, deve-se considerar que é justamente nesse ínterim que ocorre o arremate dos dois eventos históricos enfocados, que vinham sendo gestados há décadas e seriam determinantes para o projeto futuro do país. Foram dois anos muito intensos no cenário político e social da nação, que forjaram boa parte das instituições burocráticas e administrativas modernas.

Além disso, é preciso levar em consideração que nesse período rascunharam-se os primeiros esboços dos contornos da democracia republicana, que iria se estabelecer nas décadas seguintes, com a transposição dos vícios e patrimonialismos dos séculos imperiais.

Como repercutiram na crônica de Machado de Assis os primeiros ecos do novo governo? Que alcance literário e jornalístico teve a prometida liberdade da Lei Áurea na visão perspicaz do cronista? Qual foi a participação do brasileiro comum, o “homem cordial”, na concretização desses dois feitos nacionais? Que Brasil seria projetado sob a

pena machadiana, influenciada pela avalanche de acontecimentos diários desse período?

São alguns questionamentos que se somam a vários outros e podem servir de orientação no percurso de análise dessa produção, para se buscar as pistas que evidenciam a transcendência de uma prosa sempre atual, embora contornada pelos limites históricos, sociais e políticos que direcionavam a publicação dos textos nos jornais da época.

Com isso, vai-se em busca do Machado de Assis que se distancia dos ideais românticos, mas que, ao mesmo tempo em que se deixa absorver pelos postulados realistas, conserva as janelas de sua reflexão sempre abertas ao porvir, fazendo emergir antecipadamente em sua instigante narrativa traços modernos e pós-modernos, típicos da “modernidade tardia”, tal qual preconiza o sociólogo contemporâneo Stuart Hall (1997), ou a fluidez e a inconstância dos comportamentos na concepção da “modernidade líquida”, defendida por Zigmunt Bauman (2005).

Por esse prisma, tendo por fundamento a pesquisa literária, histórica, cultural, social e política destaca-se nas crônicas em foco o retrato do elemento humano e da identidade nacional que se forja ao longo do período colonial e imperial, mas que se apura com o advento da república. Nos gestos mais simples do cotidiano, verificam-se os costumes e os valores culturais estabelecidos como alicerces de uma sociedade que se configuraria, em suas décadas vindouras, nos padrões republicanos atuais.

Percebe-se que Machado com seus “despretensiosos” Bons Dias descortina o país por meio da análise que mescla temas

diversos, por vezes sem conexões aparentes, em textos rápidos. Essa produção, era para ser efêmera, mas persiste e frequenta os estudos de diversos pesquisadores, nacionais e estrangeiros, fornecendo a estudantes e ao público em geral elementos importantes na compreensão das potencialidades, das promessas, das incongruências, enfim, dos avanços e dos retrocessos que marcaram a trajetória da nação, tudo isso já prefigurado pelas lentes da genialidade machadiana.

Mesmo com o advento de novas tendências estéticas desencadeado pelo estilo livre pós semana de 22, os textos machadianos continuam suscitando novas reflexões e estudos. O fato do autor de ser um dos escritores brasileiros que mais tenha sido objeto de teses e trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior não esgota o interesse acadêmico em torno de suas crônicas.

Entre as razões desse fenômeno, pode-se destacar que Machado, enquanto prosador prolífico, soube interpretar seu mundo sem se deixar prender em suas amarras e limitações. Estabeleceu por meio de sua análise penetrante, num estilo único e perscrutador, as bases de uma produção literária que transita pelas origens da nacionalidade brasileira e sugere os desdobramentos futuros que na modernidade iriam amalgamar a identidade nacional, como legado daqueles dias imprecisos.

Por isso, sua prosa rompeu os limites cronológicos de sua publicação e consegue contornar a contemporaneidade. Tal posicionamento é confirmado por Lucia GRANJA que em entrevista ao Caderno G, do Jornal

Gazeta do Povo, publicado em 02/08/2008, afirmou:

Crônica é um tipo de texto que tem um pé assentado na efemeridade, e o que pode (aparentemente) diminuir a importância das crônicas de Machado é o fato de não mais conseguirmos compreender seus assuntos e, por consequência, os recursos de que sua crônica se constrói, o ponto de vista do autor. Mas, quando recuperamos a informação (de época), como nas edições críticas e anotadas que temos feito, os textos são de um interesse absoluto e, em termos literários, atualíssimos. (GRANJA, 2008)

Embora sua crônica seja de relevância inquestionável, Machado se destaca muito mais por seus romances e contos. Nesse sentido, tal julgamento precisa ser revisto pela crítica literária. Mesmo que não se adentre à análises mais aprofundadas, é possível destacar a partir da leitura dessas contribuições para o jornal que, a genialidade não esteve ausente quando pinçou os fatos mais comuns do cotidiano para registrá-los em sua “tribuna”, de maneira que não há um escrito menor que subscreveu as crônicas e outro maior na autoria dos outros gêneros de repercussão consagrada. Nos dois casos, o mesmo estilo, o mesmo tom da intervenção irônica, da análise direta e desapaixonada coexistem, evidentemente, com propósitos distintos.

Com base nessa constatação, uma das linhas de estudo da crônica machadiana aponta para a perspectiva de se encontrar o Brasil que emerge de suas linhas. Nesse caso, deve-se levar em conta que a superfície textual no universo da prosa de Machado de

Assis é apenas a fachada de um magnífico monumento literário construído nos pressupostos da ironia, da ambiguidade, da crítica sutil e inteligente.

Cada produção, por mais simples que pareça, está imbricada numa teia dialógica que interligam as crônicas às produções literárias expressa nos outros gêneros com maior consagração. Nesse sentido, é possível observar, no que tange o enfoque histórico-literário da Escravidão e da Proclamação da República, que a síntese criativa do texto para o jornal serviu de esboço para maior explanação nos romances. Entre eles, pode-se destacar os escravos de Dona Glória, mãe de Bentinho, que eram alugados para auferir renda, em Dom Casmurro, ou os desencontros ideológicos entre República e Monarquia, em Isaú e Jacó.

Ao leitor contemporâneo que pretenda conhecer seus propósitos, deve ter o cuidado imediato de não confiar no texto e nas suas pistas imediatas. É preciso ir em busca do pronunciamento subliminar de sua pena realista para encontrar o ser humano debatendo-se em seu contexto de opressão social, de incertezas e desencontros políticos, de crise econômica, de fragilidade para se delinear os traços históricos que ficariam para sempre impregnados no retrato da pátria e da nação que se definiam naquele momento.

Essa tarefa exige a disposição para se mergulhar nas profundidades dos registros machadianos, que jamais se limitaram à superfície dos acontecimentos sociais. Nesse sentido, as palavras do próprio autor, na crônica de onze de novembro de um mil oitocentos e noventa e sete (11/11/1897), são

plenamente elucidativas: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”.

Nesse sentido, Patrícia Kátia da Costa Pina, ao analisar a produção de Machado de Assis enquanto texto jornalístico, demonstra que

(...) são textos que circulam entre o fato e a ficção, proporcionando ao receptor, de certa forma, uma visão fluida das barreiras entre um e outra. O cronista cria uma espécie de sincronicidade entre acontecimentos aparentemente díspares, quase uma costura invisível, que viabilizaria ao consumidor do periódico um processo de reflexão sobre a realidade circundante. (COSTA PINA, 2007, p. 40)

Nas crônicas, Machado de Assis apresenta, com certa regularidade, sua leitura da semana, reunindo fatos diários, acontecimentos banais, eventos históricos e citações literárias clássicas. Com a pena imersa em uma mistura única de tinta e de ironia refinada, o autor vai lentamente descortinando às hipocrisias sociais.

Entre elas, está a tão anunciada Abolição da Escravatura. Em várias Crônicas, Machado criticou e denunciou que essa conquista não passou de um jogo de cena, que não trouxe grandes benefícios, de imediato, para os cativos. Tal constatação é apresentada por John Gledson que assim se manifesta:

A abolição é relativa: libertando os escravos, não se faz mais do que libertá-los para o mercado de trabalho” ... (serão recontratados e receberão salários

miseráveis) ... Machado, entre ironias e “pilhérias”, chama a atenção do leitor para algo essencial. A Abolição não é um movimento da escuridão para a luz, mas a simples passagem de um relacionamento econômico e social opressivo para outro. (GLEDSON, 2006, p. 156)

Por isso, na tarefa enquanto cronista procura revelar o “mínimo” e o “escondido”, impelido pela “curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”. A crônica é marcada pelo ímpeto de retirar o leitor de sua tranquila comodidade, tendência já verificada em vinte e três de outubro de um mil oitocentos e cinquenta e nove (23/10/1859), em “A reforma pelo jornal”. Nessa manifestação, Machado apresenta o jornal como um instrumento capaz de chegar a todos os espaços sociais, promovendo a reflexão e a mudança de comportamento.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. (ASSIS, 1994)

Nesse aspecto, ao comentar sobre a perspectiva que o Jornal oferecia ao cronista

no seu tempo, Patrícia Katia da Costa Pinha destaca que, para Machado de Assis, a escrita cotidiana seria uma poderosa arma de luta contra as desigualdades sociais e culturais.

O jornal seria popular, coletivo, reforçaria o sentido de unidade grupal, seria a comunicabilidade nacional concretizada em papel. Ao Jornal caberia a tarefa de estabelecer um universo de receptores, a partir daquilo que era vivenciado no cotidiano da sociedade. (COSTA PINHA, 2007, p. 51)

Dessa maneira, o jornal, portador da informação e do conhecimento, poderia desencadear a transformação social, por meio da disseminação de princípios fundadores de uma nova realidade, conforme o cronista tão bem projetou nas entrelinhas das suas publicações semanais.

No processo de produção da narrativa curta de Machado de Assis, sobressai a linguagem contundente pautada pela crítica que não sufoca. Ao contrário, destina-se a sacudir as consciências e alavancar a realidade a novos patamares de civilização. Dessa maneira, estudar sua crônica passa necessariamente pelo viés de análise de seu estilo literário enxuto e certo, manejando os instrumentos linguísticos com maestria, na medida exata, para dizer tudo sem cair nas armadilhas da prolixidade ou nas lacunas incompreensíveis da concisão.

Para Lucia Granja, Machado de Assis traz em suas crônicas os fatos do seu tempo, a partir da observação crítica e realista dos comportamentos sociais. Nesse sentido, a autora defende que:

A crônica seria então uma espécie de palco da semana recentemente finda, no que houvera nela de mais extraordinário (...) Operando em via de mão dupla, seu texto procurava instruir aqueles que desconheciam e, em adição aos textos críticos e literários, destruir os mal-intencionados. (GRANJA, 2009, p. 77)

Dessa maneira, o ponto de partida para a leitura da série Bons Dias passa pela investigação em torno da crônica, enquanto gênero híbrido, linha de intersecção entre jornalismo e literatura. Para tanto, é necessário o estudo de suas características e de suas particularidades, principalmente, nas últimas décadas do século XIX, período em que Machado de Assis escreveu para os jornais cariocas.

Ao se verificar as crônicas que o fundador da Academia Brasileira de Letras publicou no período de 1888 – 1889, pode-se encontrar boa orientação histórico-literária seguindo-se a cronologia das publicações. Nesse período, visualiza-se o retrato do país expressa nos textos, com seu povo, suas misérrimas e seus desafios, num momento histórico em que acontecem dois fatos determinantes para os destinos nacionais: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

No microcosmo construído pelo cronista, surge num primeiro plano o homem, com seus traços característicos da nacionalidade que vai se arraigando nos costumes e práticas culturais. Pelas ruas daquele Rio de Janeiro, cenário da inspiração machadiana, já transitava o “homem cordial”, nos termos em que Sérgio Buarque de Holanda, várias décadas depois, definiu como uma das principais

características da formação da identidade brasileira:

(...) a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. (HOLANDA, 2005, p. 146)

A visão antecipada desse “homem cordial”, de acordo com John Gledson (2006), é observada na crônica machadiana, pois

(...) os pensamentos de Machado são muito similares às reflexões de José Murilo de Carvalho em “Os bestializados” em que o autor comenta o fracasso das instituições políticas e o contrastante sucesso de associações voluntárias, precisamente no Rio desse período. Eles encontram sua expressão mais famosa num dos livros clássicos sobre o caráter nacional brasileiro, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936) – o “homem cordial” é justamente esse tipo de homem incapaz de uma existência social e política regulada, ainda que possa ter “um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”. (GLEDSON, 2006, p. 204)

Nesse ponto, Machado de Assis retratou esse homem em seus textos semanais. Os aspectos do comportamento social daquele

momento subsidiaram a análise dos rumos históricos do país.

O brasileiro, protagonista de cada semana, resulta da trajetória dos principais acontecimentos da época. O novo Brasil, marcado pela Abolição e pela Proclamação da República, foi determinante para a edificação de valores que marcariam o surgimento de perspectivas promissoras de liberdade e de democracia.

Essa transição da sociedade estratificada, oriunda de um “processo de equilíbrio de antagonismos”, depois de séculos estabelecida entre a “Casa Grande” e a “Senzala”, para os domínios urbanos, tal qual apontou Gilberto Freyre (2004), repercutiu nas publicações semanais de Machado de Assis. A República teve impacto na captação dos flagrantes machadianos convertidos em apontamentos literários de uma realidade conturbada.

Nesse ponto, Afrânio Coutinho (1940) é bastante esclarecedor ao destacar que Machado de Assis publicou suas obras sempre em sintonia com a sociedade da qual fazia parte. As discussões em torno dos temas nacionais, por óbvio, não poderiam passar distante de suas linhas construídas especialmente para o jornal, já que ali o cenário imediato era aquele em o seu público encenava, todos os dias, as tragédias e comédias da sua realidade.

Sua obra reflete o tempo e o meio. Os seus temas são os da vida carioca na época do Segundo Reinado, como provou Astrojildo Pereira. Sem ser nacionalista, é um escritor nacional e popular, pois, não escrevendo de costas para a sua nação, sua obra reflete os

problemas de seu povo, seus costumes, preocupações, ideais, dificuldades, tendo vivido dentro dele, recolhendo a sua experiência vital, acumulando-a na alma. (COUTINHO, 1940, p. 34)

Tais constatações, entre outras, são pertinentes para se verificar os parâmetros da identidade nacional que foram estabelecidos por Machado de Assis em suas crônicas, não apenas naquele cenário incerto e perturbador, mas para o brasileiro que se estabeleceria no acomodar contínuo da estabilização social e política que marcaria o advento republicano na história do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica machadiana, vista aqui apenas em alguns aspectos, precisa ser lida com maior intensidade. Seu conteúdo, embora ancorado em seu contexto, permite ao leitor atual a reflexão em torno dos problemas que persistem na estrutura republicana do país e que tiveram origem lá naqueles anos turbulentos, nos quais Machado de Assis colheu o material para materializar suas crônicas.

O Brasil, a Sociedade Carioca do segundo reinado, de onde parte a obra e a galeria machadiana, de acordo com Afrânio Coutinho (1940), são elementos fundamentais para a produção das crônicas escritas sob o viés da temática da escravidão:

A Obra de Machado, vista de certo ângulo, é a mais enérgica e violenta reação crítica contra toda a estrutura social do Brasil patriarcal e escravocrata do século passado, com a concepção moral correspondente, ligada

aos preconceitos de raça, cor, classe [...] Que maior acordo, portanto, com o sentido da evolução social do Brasil? (COUTINHO, 1940, pp. 20-21)

Num momento histórico em que o país entrava num vácuo de pertencimento, pois com a Proclamação da República rompia de vez os liames com a coroa portuguesa, as palavras de Zygmunt Bauman lançam luz para se entender os postulados da formação da identidade nacional cambaleante, no contexto da crônica machadiana.

A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia”. (BAUMAN, 2005, p. 26)

Nas crônicas, Machado de Assis retratou os encontros e desencontros entre as diversas facções políticas, republicanas e monárquicas. Desse enredo conflituoso surgiria o Brasil como promessa de país do “futuro”, com o anseio de seu povo de se tornar de fato independente e livre para conduzir seus destinos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e transdisciplinariade: os caminhos da linguagem. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 7 a 14, maio/agosto. 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COSTA PINA, Patrícia Kátia da. Machado de Assis: jornalismo e leitura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, ISSN 1678-3182, volume V, número XX, p. 39 – 53, jan - mar 2007.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 49. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

GLEDSON, J. **Machado de Assis Bons Dias!** 3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2008.

GRANJA, L. Machado de Assis Journalist: the Man, the Text, the Time. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 75 - 81, 2009.

_____. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANJA, L. Machado de Assis, Jornalista: o homem, o texto, o tempo. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 77, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JORNAL Gazeta do Povo. **Machado de Assis, o maior cronista de seu tempo**. Entrevista com John Gledson e Lúcia Granja – Pesquisadores. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=793096>. Acesso em: 07 jan. 2014.

MAGALHÃES JR., R. **Vida e obra de Machado de Assis**. Volume 3: Maturidade. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/ INL, 1981.

RODRIGUES, J. P. C. de S. **A dança das cadeiras Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

Recebido para publicação em 13 jun. 2015

Aceito para publicação em 30 setembro 2015.